

## LITERATURA E HISTÓRIA: MEMÓRIA DE VIOLÊNCIA EM DESONRA DE COETZEE

## LITERATURA Y HISTORIA: MEMORIA DE VIOLENCIA EN DESONRA DE COETZEE

Julia Tomazi\*

RESUMO: O escopo deste trabalho é estudar a presença de memória da violência nas personagens de Desonra, de Coetzee. A narrativa é ambientada na África pós Apartheid e carrega marcas também deste período denso para a história do país. O estudo se apoia, portanto, na hermenêutica e estudos da memória de Ricoeur, bem como nas definições sobre violência estudadas por Michaud Girard e sobre memória pesquisadas por Le Goff e Halbwachs. Os rastros de violência investigados são aqueles deixados não apenas pela violência física, mas também pela violência psicológica. As marcas são armazenadas não apenas em uma memória e são sinais de uma sociedade que esteve oprimida por um considerável período e que se revolta. Na costura final, busca-se apontar o papel da literatura na denúncia de episódios violentos e relevantes historicamente.

PALAVRAS CHAVE: Memória; Violência; Apartheid; História; Literatura.

RESUMEN: El intento de este trabajo es estudiar la presencia de memoria de la violencia en los personajes de Desonra, de Coetzee. La narrativa es ambientada en África después del Apartheid y lleva fuertes marcas también de este periodo histórico para el país. El estudio se apoya, por lo tanto, en la hermenéutica de Ricoeur, bien como en las definiciones sobre violencia estudiadas por Michaud y Girard. Dentro de esta búsqueda para evidenciar la memoria de la violencia en los personajes va ser indispensable ojear también para el silencio y como este puede ser una marca. Los rastros de violencia investigados son aquellos dejados no apenas por la violencia física, pero también por la violencia psicológica. Las marcas son almacenadas no apenas en una memoria y son señales de una sociedad que estuvo oprimida por un considerable período y que si revuelta. En la costura final buscarse apuntar finalmente el papel de la literatura en la denuncia de episodios violentos y relevantes históricamente.

PALABRAS CLAVE: Memoria; Violencia; Apartheid; Historia; Literatura.

---

\* Mestranda no PPGL Leitura e Cognição da Unisc, e-mail: juliatomazii@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

A funcionalidade, a utilidade ou a razão de existir da literatura e das artes em geral é uma discussão que vem sendo realizada há muitos anos e a grande parte dos estudiosos acorda sobre a relação da mesma com o homem e sua história. Isso porque muito da literatura estudada toca na subjetividade dos leitores, por vezes aguçando suas aflições, outras, fazendo-o pensar sobre sua espécie, atitudes, sentimentos e história.

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes. (COMPAGNON, 2009, p. 64)

A violência sob este olhar desperta o leitor para seu semelhante, a memória desta violência permanece por meio da literatura, de uma literatura que é história e é testemunho. O texto apresentado pelo contemporâneo Coetzee tem uma pitada de violência e ainda a memória da mesma que procura o esquecimento. Escrita após *apartheid*, a história de Lurie e sua filha Lucy leva o leitor para dentro desta África que ainda sente e reflete anos de segregação racial.

Desta forma a investigação proposta por este trabalho pretende estudar os conceitos de violência, posteriormente os de memória e então mostrar as marcas apresentadas pelas personagens. Faz-se necessário também estudar o *apartheid* como possível ambiente motivador para o romance, que

reflete a sociedade africana deste período. Pretende-se ainda relacionar os conceitos de história e memória e sua relação recíproca: Como lembra Compagnon:

Todas as formas de narração, que compreendem o filme e a história, falamos da vida humana. O romance o faz, entretanto, com mais atenção que a anedota policial, pois o instrumento penetrante é a língua, e ele deixa toda a sua liberdade para a experiência imaginária e para a deliberação moral, particularmente na solidão prolongada da leitura. (COMPAGNON, 2009, p.70)

## A VIOLÊNCIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Como tema nas diversas narrativas existentes, a violência torna-se um assunto sempre atual devido ao fato de estar sendo constantemente executada no mundo e ainda por ser algo principalmente da ordem do humano. A espécie humana é a quase exclusiva responsável pela violência contra os seus. A agressão ou o comportamento violento visam atingir física ou psicologicamente, direta ou indiretamente alguém ou algo, coletiva ou individualmente.<sup>1</sup>

O filósofo francês, Yves Michaud fala da violência como uma potência natural do ser humano, que quando exercida contra algo ou alguém perturba uma ordem pré-estabelecida. Ao estudar a violência das perspectivas antropológicas, sociológicas e até mesmo do

<sup>1</sup> A busca por uma definição de violência é estudada por Yves Michaud já nas primeiras páginas do seu livro *A violência*, 2001, onde inicia pela etimologia da palavra.

direito vê a necessidade de estabelecer uma definição:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas e em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, e em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 2001, p. 10-11)

Como aponta o próprio estudioso é errôneo pensar que a violência pode ser concebida e apreendida independente de critérios e pontos de vista, cada sociedade tem parâmetros para apontar o que é ou não violento. “cada sociedade está às voltas com a sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito.” (Michaud, 2001, p.14).

Do ponto de vista sociológico estudado pelo autor, a violência é um fator social que tem, dentre outros, o poder de resolver ou de pôr em discussão conflitos e desta maneira deve ser vista também conforme o seu papel social. Continuando esta discussão surgem ainda os conceitos de estado de violência e ato de violência, sendo que a violência pode ser momentânea ou progressiva “Pode-se matar, deixar morrer de fome ou favorecer condições de subnutrição” (Michaud, 2009, p.11)

O também filósofo René Girard em *A violência e o sagrado* (2008), fala sobre o aspecto cultural da violência em relação à religião. Assim como Michaud afirma que há algo da ordem social na violência, para ele a cultura de que uma vida pode ser sacrificada para que não sejam todos atingidos, ou seja, que

um pode morrer para que outros possam ser salvos.

O estudo de Girard (2008) fala sobre o sacrifício e o que isso tem a ver com a violência de uma forma ou outra, sendo que, para ser sagrada a “vítima” precisa ser sacrificada pela morte. Schultz (2004, p. 8) resume o que defende Girard: “A violência que ameaça a comunidade é transferida para uma vítima designada unanimemente: o bode expiatório”.

#### A MEMÓRIA

Os estudos sobre a memória serão iniciados com o historiador Le Goff que aponta em seus estudos um olhar para o princípio da história, a Grécia antiga, onde segundo ele, foi instituído o *mnemon*, uma pessoa que guardava memórias por determinação da justiça. O que seria do homem sem a memória? Os gregos em seus mitos trazem questões bastante pertinentes aos dias atuais “Na mitologia e na lenda, o *mnemon* é o servidor de um herói que o acompanha sem cessar para lhe lembrar uma ordem divina cujo esquecimento traria a morte” (Le Goff, 1994, p. 437).

Com o *mnemon* abriu-se o olhar para a memória como elemento de caráter coletivo, da coletividade surgiu a relação com a história, sendo que fatos relevantes à história da sociedade também podem estar presentes na memória. A memória é estudada em várias circunstâncias, como sua biologia e seu armazenamento, por exemplo, neste estudo o olhar se volta para como a violência ajuda na constituição e afirmação desta memória a partir de suas marcas.

A ligação entre a sociedade e memória tem a ver com uma espécie de organização sensorial, a perda da memória existente, ou até mesmo de parte dela ocasionaria algum transtorno. O filósofo francês Henri Bergson (2006, p. 78) exemplifica: “Ao mesmo tempo em que nossa percepção atual e, por assim dizer, instantânea efetua essa divisão da matéria em objetos independentes, nossa memória solidifica em qualidades sensíveis o escoamento contínuo das coisas”.

Esta organização pode ser feita tanto pela memória coletiva quanto pela individual, ambas com contribuições distintas. Sobre estas memórias Halbwachs (2004) discute a possibilidade da existência de uma memória que seja unicamente individual afirmando que o homem não está em momento algum totalmente só:

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de

influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 2004, p. 55).

O autor conduz seus estudos sempre direcionados à questão de que o homem é, prioritariamente, um ser social e desta forma, seu pensamento estaria constantemente ligado a outros. Ele usa o seguinte exemplo para fortificar ainda mais sua argumentação: “Como supor que um objeto pesado, suspenso no ar por uma quantidade de fios tênues e entrecruzados, permaneça suspenso no vácuo, onde se sustenta por si mesmo” Halbwachs (2004, p. 56).

Ricoeur em *A Memória, a história e o esquecimento* (2007), faz uma discussão sobre o que se torna memória e, especificamente, de onde vem essa memória, se vai ser armazenada por uma ou por muitas pessoas. Em relação à memória pessoal pode-se dizer que é aquela pertencente a um único indivíduo, memórias que foram salvas com base no que essa pessoa viveu até então e são “guardados” com tudo o que essa pessoa “sabe”. Assim, de acordo com o que Ricoeur argumenta, quando se trata de memória pessoal é inevitável relacionar o pronome si, porque quando alguém retorna às suas memórias, estará diretamente lembrando-se de si, suas atitudes e sua imagem.

Ricoeur relembra Halbwachs em suas pesquisas demonstrando que parece ver a memória pessoal como resultado do coletivo, ou pelo menos com raízes no social. Ele concorda com as ideias de Maurice quando diz, por exemplo: “O ponto de partida de toda análise não pode ser abolido por sua conclusão: é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a

marca do social. Ora, esse ato de recordação é cada vez mais nosso” (Ricoeur, 2007, p.133).

Neste sentido a memória coletiva é essencial para que a individual não seja perdida, sendo que o grupo proporcionaria certa referência aos fatos. Supondo uma situação familiar, em que um fato está sendo motivo de recordação, uma pessoa pode contribuir para a “costura” da memória de um familiar. Como salienta Ricoeur:

Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. (Ricoeur, 2007, p. 131).

Ricoeur propõe também a existência de alguém a quem chama de *próximo*, além do *eu* e do *outro*, o que legitima ainda mais o conceito de memória coletiva, e por isso a contribuição da história. *O próximo* participa das duas memórias, sendo que ele ouve e sabe sobre o que o *eu* tem na memória e também o que o *grupo* tem de memórias:

Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para o qual nós contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros. Variação de distância, mas também variação nas modalidades ativas e passivas dos jogos de distanciamento e de aproximação que fazem da proximidade uma relação

dinâmica constantemente em movimento: tornar-se próximo, sentir-se próximo. (Ricoeur, 2007, p. 141)

Pelo impacto causado e também pela relação com a coletividade, a violência permanece marcando a memória, sendo ela do *eu*, do *outro* ou do *próximo*. A violência é coletiva, porque exige a participação do agressor e do agredido, sendo assim não mais armazenada em uma memória, mas no mínimo em duas mentes, em dois corpos, marcando duas existências.

#### A OBRA EM CONTEXTO

O romance *Desonra* é do escritor John Maxwell Coetzee, sul-africano nascido na cidade do Cabo. O autor recebeu o prêmio Nobel de Literatura, no ano de 2003, sendo quarto em seu país a receber a honraria. Ele foi premiado também e estudou em vários outros países, atualmente vive na Austrália, onde é professor Universitário.

O enredo foi montado logo após o fim do regime segregacionista que por quase 50 anos limitou até mesmo geograficamente os negros. O *Apartheid*, como ficou conhecido, foi adotado pelo Partido Nacional na África do Sul, e fez com que os direitos da maioria dos habitantes fosse cerceados pelo governo formado pela minoria branca. A segregação racial teve início ainda no período colonial, mas foi instituída como regime oficial a partir de 1948, com as eleições gerais.

Posteriormente aos anos de dominação colonial, o “branco” oficializou o que considerava justo e acentuou as diferenças, de

acordo com o trabalho de pesquisa de Lorraine Campos do Nascimento:

Os direitos políticos, civis, econômicos, sociais e culturais dos negros foram extintos, perdurando tal situação por mais de 40 anos. As diferenças raciais foram oficializadas, e a segregação atingiu todas as relações sociais sul-africanas. Ficou estabelecido que negros não tinham direito a voto, que haveria separação nas escolas e universidades, nos transportes públicos, nos empregos, nos esportes, nos hospitais, nos locais de entretenimento, nos cemitérios e até mesmo nas relações conjugais. Esse foi o sistema do *Apartheid*, isto é, o “desenvolvimento separado” ou “liberdade separada”. Para o discurso dos afrikanders, os negros tinham recebido sua parte de direito, poderiam desenvolver sua própria nação, tal como os brancos estavam fazendo. Eles não seriam mais considerados como inferiores, apenas diferentes. (NASCIMENTO, 2009, p.33)

Esta separação andou paralela à limitação territorial imposta aos negros dentro de seu próprio país. Negros e mestiços tinham um lugar específico onde podiam residir. O governo separatista, liderado pela minoria branca manteve-se no poder enquanto explorava as riquezas do país extraindo seus recursos naturais que pareciam infinitos.

O fim do *Apartheid* aconteceu depois dos movimentos organizados por Nelson Mandela e companheiros, quando durante uma situação difícil, o Partido nacional aceitou negociar o fim do regime. As primeiras eleições democráticas do país ocorreram em 1994, após a adoção de uma constituição

interina, ocasião na qual Nelson Mandela foi eleito o presidente do país. Daí em diante o povo africano vem buscando reerguer-se e superar anos de violência social.

VIOLÊNCIA E MEMÓRIA EM *DESONRA*: UMA PERSPECTIVA LITERÁRIA DA HISTÓRIA DA ÁFRICA DO SUL

Publicado originalmente em 2009, *Desonra* foi um dos grandes romances do premiado escritor africano Coetzee. A história começa com o protagonista, David Lurie, e sua biografia de professor universitário descontente com suas aulas, com sua vida íntima e com sua relação familiar. Lurie reside na cidade do Cabo, é separado e tem uma filha, Lucy, que mora em um sítio no interior do país, a contragosto do pai.

O professor e escritor, que busca dedicar-se ao estudo de música, começa a se desestabilizar quando a prostituta com quem mantinha relações nas quintas feiras não quer mais vê-lo. Na sequência, em mais um deslize, por causa de seu instinto sexual se envolve com uma de suas alunas, Melanie, e aí sua vida toma rumos inesperados. A estudante denuncia o professor e ele se vê obrigado a deixar a universidade, já que se nega a assumir o ato com um erro.

Os aspectos da obra que descortinam um país com problemas sociais, aparecem já nas primeiras páginas do romance, quando o professor vai assistir ao ensaio de uma peça teatral com a seguinte organização:

*Pôr do sol no salão Globe* é o nome da peça que estão ensaiando: uma comédia sobre a nova África do Sul que se passa em um salão de cabeleireiro em

Hillbrow, Johannesburgo. No palco, um cabeleireiro gay, muito desmunhecado, atende dois clientes, um preto, um branco. As falas rolam entre os três: piadas, insultos. A catarse parece ser o princípio dominante: toda a grosseria dos velhos preconceitos aberta à luz do dia e lavada em torrentes de gargalhadas. (COETZEE, 2011, p. 31) (Grifo do autor).

Na sequência da história, sem emprego e com a reputação ruim o professor Lurie decide que vai embora da cidade, no mesmo dia se vê a caminho de Salem, no Cabo Leste, rumo à propriedade da filha Lucy. A filha do protagonista escolheu um modo alternativo de levar a vida, branca e filha de professor universitário, optou por cultivar a terra e cuidar de cachorros, dando-lhes hospedagem e comida.

Lurie, que inicialmente acha maluca a ideia da filha, de morar no interior e cuidar da terra, acaba por dar-lhe créditos ao ver que mesmo separada da companheira a filha têm tocado a propriedade. O problema para ele, desde o princípio é imaginar-se ali, em meio ao nada, o professor que morava na cidade e pretendia produzir um livro sobre a poesia do poeta britânico Byron, está sem rumo.

Em meio às muitas reflexões de David sobre a vida e sobre a sua nova condição surgem seus medos, principalmente em relação ao fato de a filha estar morando sozinha, surgem daí as evidências de algo não está bem no interior do país. Em uma conversa com Petrus, o ajudante que virou sócio de Lucy, David fala sobre perigo:

“Eu acabei de chegar da Cidade do Cabo. Às vezes, fico preocupado com a minha filha sozinha aqui. É muito isolado”.

“É”, Petrus diz, “é perigoso”. Faz uma pausa. “Hoje em dia, tudo é perigoso. Mas aqui é legal, acho.” E da outro sorriso. (COETZEE, 2011, p. 79).

As diferenças sociais ganham força quando Lucy diz que Petrus ganhou uma verba do Departamento da Terra, o suficiente para comprar dela pouco mais de um hectare. Ela ressalta o fato de ele ter uma vaca que vai parir, duas mulheres e a possibilidade de conseguir mais verba para construir uma casa e sair do estábulo. A consideração dela é a seguinte: “Pelos padrões do Cabo Leste é um homem de posses” (Coetzee, 2011, p. 93).

Observa-se pelo desenrolar da trama que David e a filha são uma espécie de aventureiros naquele lugar, onde um povo inteiro começa a reconstruir suas vidas tendo que reconquistar e comprar terras que já eram suas. A partir desta observação é que levanta a hipótese de o texto ser a representação de uma África que está juntando seus estilhaços e de certa forma retribuindo a violência sofrida pela segregação, sendo que conforme Michaud (2001), cada sociedade define o que é violência dentro de suas normas.

O ponto chave para esta análise é o momento no texto onde, na ausência de Petrus, a casa de Lucy é invadida por três homens, que a violentam e ateiam fogo em David Lurie. A descrição das cenas violentas faz com que se intensifique a sensação na leitura conforme observa-se:

Esfrega o rosto como um louco; seu cabelo estala ao se incendiar; ele se debate, soltando urros sem palavras, só medo. Tenta se levantar, mas é forçado para baixo outra vez. Por um momento, sua visão fica clara e ele vê, a centímetros do rosto, o macacão azul e um sapato. (COETZEE, 2011, p. 115).

Após a violência sofrida o protagonista desata a falar consigo mesmo explicitando a situação de um país que sofre o reflexo também violento de um povo que passou muito tempo sem liberdade e sem posses, comandados por um pequeno grupo, de cor diferente:

Isso acontece todo dia, toda hora, todo minuto, diz a si mesmo, em toda parte do país. Considere-se feliz de ter escapado com vida. Considere-se feliz de não estar preso no carro neste momento, sendo levado embora, ou no fundo de um canal com uma bala na cabeça. Sorte de Lucy também. Acima de tudo Lucy.

Um risco Possuir coisas: um carro, um par de sapatos, um maço de cigarros. Coisas insuficientes em circulação, carros, sapatos, cigarros insuficientes. O que existe tem de estar em circulação, de forma que as pessoas possam ter a chance de ser felizes por um dia. Essa é a teoria; apegar-se à teoria e ao conforto da teoria. Não a maldade humana, apenas um vasto sistema circulatório, para cujo funcionamento piedade e terror são irrelevantes. (COETZEE, 2011, p. 117 - 118)

A violência a qual foi submetido o professor é um violência física, que além de deixar marcas na memória deixa ainda marcas no corpo como consequência do fogo. Já as

marcas deixadas na filha, em um primeiro momento aparentam ter sido essencialmente psicológicas, visto que ele prefere não falar no assunto “David, quando as pessoas perguntarem, você se importaria de contar só a sua parte, só o que aconteceu com você?” (Coetzee, 2011, p.118)

Todos os cachorros são mortos, o pai tem parte do corpo queimada e Lucy permanece fria, toma as decisões necessárias, como ir à polícia e ao hospital. Durante algum tempo, sofrendo com a memória do que aconteceu e temendo pela filha ele tenta convencê-la a mudar-se para algum lugar mais próximo à civilização e a contar-lhe o que aconteceu durante o ataque e o saque à sua casa.

O medo do pai entra em contraste com o silêncio da filha, em cada um dos dois a memória da violência sofrida desperta de maneira diferente. Lucy fica por um longo período no desenrolar da narrativa sem ação, se fecha para o mundo sem conseguir superar a violação:

Lucy está fechada em si mesma, não expressa nenhum sentimento, não demonstra interesse por nada a sua volta. [...] Lucy passa hora após hora na cama, olhando o vazio ou folheando revistas velhas, das quais parece ter um estoque ilimitado. (COETZEE, 2011, p.136)

Lucy não está melhorando. Passa as noites em claro, dizendo que não consegue dormir; depois, à tarde, ele a encontra dormindo no sofá, o polegar na boca como uma criança. Perdeu interesse pela comida: ele é quem tem de motivá-la a comer, fazendo pratos estranhos, porque ela se recusa a tocar em carne. (COETZEE, 2011, p.143)



Lurie, que externaliza sinais de que o atentado o marcou, inicialmente condena Petrus por ter se ausentado da proteção que deveria dar à Lucy e chega a acusá-lo de ter participação na ação violenta contra pai e filha. Ele não consegue aceitar o fato de a filha não contar o que fizeram com ela e fazer a verdadeira denúncia à polícia e em uma das inúmeras vezes que a questiona ela responde:

“O motivo é que, de minha parte, o que aconteceu comigo é uma questão absolutamente particular. Em outro tempo, outro lugar, poderia ser considerado uma questão pública. Mas aqui, agora, não é. É coisa minha, só minha”

“Aqui quer dizer o quê?”

“Aqui quer dizer a África do Sul.”  
(COETZEE, 2011, p.133)

O desenrolar da trama traz ainda muitas outras evidências de marcas deixadas tanto no personagem de Lurie quanto de Lucy. A filha demora um longo tempo para se recompor psicologicamente, e seu corpo demora ainda mais tempo, já que como consequência do ato sexual ilícito, ela engravidou. O pai permanece revoltado durante todo o romance e a situação fica ainda mais conturbada quando um dos agressores é convidado na festa de inauguração da casa de Petrus.

A relação com os conceitos teóricos estudados no início do trabalho é percebida em sequentes parágrafos do texto quando a violência física e psicológica cometida é base e estímulo para a formação de uma memória. A memória tanto dos agressores, quanto dos agredidos é alterada a cada novo ato, a cada novo contato. A memória desta, como se pode observar, no depoimento de Lucy acima

é pessoal quando ela guarda para si a cena da violência, porém se torna coletiva com os demais participantes e a cada linha se torna mais coletiva por ser o recorte da situação geral de um país em desordem.

Neste sentido este estudo ainda apoia-se na hermenêutica ricoeuriana quando se pensa no papel da literatura enquanto significativa para a história. Ricoeur (1977) além de discutir a hermenêutica enquanto linguagem em discurso e discurso como obra, estuda a relação entre o texto, o dizer do autor e a subjetividade do leitor. Para o autor é preciso certo distanciamento primeiro do leitor, para depois haver uma apropriação do texto.

Neste sentido e no aprofundamento aos estudos e críticas à tradição hermeneuta ele chama atenção ainda para o papel das ideologias no processo de interpretação, destacando sua influência que pode favorecer ou não a compreensão e diz:

O gesto da hermenêutica é um gesto humilde de reconhecimento das condições históricas a que está submetida toda a compreensão humana sob o regime da finitude. O da crítica das ideologias é um gesto altivo de desafio, dirigido contra as distorções da comunicação humana. (RICOEUR, 1977, p.131)

Assim como aponta Luzia Batista de Oliveira Silva, em seu artigo *A interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur: uma possível contribuição para a educação*, o autor busca aproximar a hermenêutica da filosofia, pensando no quanto a primeira pode ser útil à segunda, e ainda como podem resgatar questões históricas e ser influenciadas por elas:

A construção dessa consciência reflexiva será fundamental, posto que os indivíduos participam da cultura também pela *leitura* e *escrita* de um texto – pela interpretação, que articula aquilo que é designado como compreensão, que insere o homem no mundo da palavra e no mundo da ação. O mundo anunciado e recriado pede para ser compreendido. A palavra tanto pode anunciar como pode resgatar um gesto vivido, uma ação vivida, porque é pela *palavra*, e também pela *palavra poética*, que se pode evocar o *passado*, contar histórias e preservar memórias; pela palavra também se projetam anseios por meio da ideologia e da utopia, expressões do imaginário social. (SILVA, 2011, p. 23)

Em linhas finais encontram-se os conceitos propostos para estudo no presente trabalho, quando a proposta era estabelecer um diálogo entre literatura e história, explicitando o papel do texto literário para a representação, compreensão ou até mesmo registro de experiências vividas. Para tanto projetou-se a análise das marcas deixadas pela violência na memória dos personagens, bem como o papel desta memória para a construção da história de uma sociedade.

Pode-se observar os aspectos apontados no seguinte trecho, onde, através de Petrus se revela a identidade e a proximidade de a um dos violadores, a identidade de um povo africano reclamando por seus direitos, suas terras e seus bens de maneira violenta e como resposta ao regime de segregação racial “É. É um filho. É da minha família, meu povo.” Então é isso. Basta de mentiras. Meu povo. A resposta direta que ele queria”. (Coetzee, 2011, p. 235) e segue:

Não acho que você vá entender, David. Petrus não está me oferecendo um casamento da igreja e depois uma lua de mel na Wild Coast. Está me oferecendo uma aliança, um acordo. Eu contribuo com a terra, em troca ele me deixa ficar debaixo da asa dele. Senão, e isso é o que ele quer que eu entenda, vou estar sem proteção; é um jogo limpo” (COETZEE, 2011, p. 237).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao proposto conclui-se que a presença de uma memória da violência é marcante nos personagens do romance, tanto na revolta do pai, quanto no silêncio da filha. Desonra reúne também informações relevantes e que de certa forma contribui para a interpretação do que foi esse período pós Apartheid na África do Sul, bem como as construções ideológicas por traz do texto. O papel da literatura desta forma se alastra além de vários limites, históricos, filosóficos, psicológicos dentre outros.

#### REFERÊNCIAS:

- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- COETZEE, J.M. **Desonra**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2012.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed  
Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática,  
2001.

NASCIMENTO, Lorrane Campos do. **Análise do  
Apartheid como crime contra a humanidade**.  
Brasília: o autor, 2009. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/handle/123456789/2213/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=Nascimento%2C+Lorrane+Campos+do>.  
Acesso em: novembro de 2015.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. 4.  
ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o  
esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP,  
2007.

SCHULZ, Adilson. **A violência e o sagrado  
segundo René Girard**. Revista Eletrônica do  
Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo  
(NEPP) da Escola Superior de Teologia, v. 03,  
jan.-abr. 2004.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **A  
interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur:**  
uma possível contribuição para a educação.  
Piracicaba, jul.-dez. 2011. ISSN Eletrônico  
2238-121X. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacao/article/download/131/595>.  
Acesso em: novembro de 2015.

Recebido para publicação em 20 jun. 2016.

Aceito para publicação em 10 abr. 2017.